



Cartografia social como metodologia prático-pedagógica no ensino fundamental no município de Cuité-PB

Francisco Wagner da Silva Macêdo¹
PROFGEO - UFCG

Débora Coelho Moura²
PROFGEO - UFCG

Resumo. Este trabalho parte de um contexto educacional em que as aulas de Geografia, especialmente aquelas voltadas à cartografia e aos conteúdos físico-naturais, são vistas por muitos alunos como desinteressantes e desprovidas de sentido prático. O presente estudo propõe a cartografia social como estratégia metodológica capaz de promover o protagonismo discente e valorizar os saberes locais, reconhecendo o espaço geográfico como o lugar vivido, em conteúdos como relevo, solo, vegetação, além daqueles contendo conceitos cartográficos. A fundamentação teórica é robusta, amparada em autores como Tuan (1980, 1983), Lacoste (1988), Simielli (2010), Morais (2016) e Brito e Melo (2018), que discutem a importância de metodologias ativas, da relação entre teoria e prática e da mediação docente como facilitadora da aprendizagem significativa. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com pesquisa-ação em turmas do 6º ano do ensino fundamental, buscando integrar conteúdos cartográficos à realidade cotidiana dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Cartografia escolar; Metodologias ativas.

SOCIAL CARTOGRAPHY AS A PRACTICAL-PEDAGOGICAL APPROACH IN ELEMENTARY EDUCATION IN CUITÉ, BRAZIL

Abstract. This study arises from an educational context in which Geography classes—particularly those focused on cartography and physical-natural content—are often perceived by students as uninteresting and lacking practical relevance. The research proposes social cartography as a methodological strategy capable of fostering student protagonism and valuing local knowledge, while recognizing geographic space as lived space in topics such as relief, soil, and vegetation, as well as in the teaching of cartographic concepts. The theoretical framework is grounded in authors such as Tuan (1980, 1983), Lacoste (1988), Simielli (2010), Morais (2016), and Brito and Melo (2018), who emphasize the importance of active methodologies, the relationship between theory and practice, and teacher mediation as a facilitator of meaningful learning. The research

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em ensino de Geografia (PROFGEO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) wagnercuitepb@gmail.com. ORCID: 0009-0006-6292-9706

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em ensino de Geografia (PROFGEO), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) debygeo@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-2663-2308

adopts a qualitative approach through action research with 6th-grade elementary school classes, seeking to integrate cartographic content into students' everyday realities.

Keywords: Geography teaching; School cartography; Active methodologies.

LA CARTOGRAFÍA SOCIAL COMO ENFOQUE PRÁCTICO-PEDAGÓGICO EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA EN CUITÉ, BRASIL

Resumen. Este estudio parte de un contexto educativo en el que las clases de Geografía —especialmente aquellas centradas en la cartografía y en los contenidos físico-naturales— son percibidas por muchos estudiantes como poco atractivas y carentes de sentido práctico. La investigación propone la cartografía social como una estrategia metodológica capaz de promover el protagonismo estudiantil y de valorar los saberes locales, reconociendo el espacio geográfico como el espacio vivido en contenidos como relieve, suelo y vegetación, así como en la enseñanza de conceptos cartográficos. El marco teórico se sustenta en autores como Tuan (1980, 1983), Lacoste (1988), Simielli (2010), Morais (2016) y Brito y Melo (2018), quienes discuten la importancia de las metodologías activas, la relación entre teoría y práctica, y la mediación docente como facilitadora del aprendizaje significativo. La investigación adopta un enfoque cualitativo mediante investigación-acción con clases de sexto grado de educación primaria, buscando integrar los contenidos cartográficos a la realidad cotidiana de los estudiantes.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía; Cartografía escolar; Metodologías activas.

Introdução

O ensino de Geografia na educação básica enfrenta, historicamente, o desafio de superar práticas pedagógicas que distanciam o conhecimento científico da realidade vivida pelos estudantes. Frequentemente, as aulas, em especial aquelas dedicadas à Cartografia e aos componentes físico-naturais, são percebidas pelos alunos como desinteressantes, abstratas e desprovidas de aplicação prática em seu cotidiano. Essa percepção gera desmotivação e compromete o processo de ensino e aprendizagem, transformando a disciplina em um exercício de memorização de conceitos e localização de lugares distantes, sem significado social para quem aprende.

Conforme aponta Cavalcanti (2012), o descontentamento dos alunos com a Geografia escolar muitas vezes não reside no conteúdo em si, mas na forma como ele é conduzido, nas metodologias que privilegiam a memorização em detrimento da compreensão e da aplicação do conhecimento. Diante dessa problemática, emerge a seguinte questão norteadora: como é possível tornar as aulas de Cartografia mais atrativas, dinâmicas e, sobretudo, significativas para os alunos do Ensino Fundamental?

Este artigo propõe a Cartografia Social como uma estratégia metodológica capaz de responder a essa inquietação. Trata-se de uma abordagem que desloca o foco do mapa como um produto técnico e acabado para o mapeamento como um processo participativo e dialógico de construção de conhecimento. A Cartografia Social valoriza os saberes locais e promove o protagonismo discente ao reconhecer o espaço geográfico a partir da perspectiva de quem o vive, o significa e o transforma. Como afirmam Finatto e Farias (2021), essa abordagem permite identificar, analisar e problematizar os aspectos da realidade presentes na escola e em sua comunidade.

O contexto desta pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Julieta de Lima e Costa, no município de Cuité, Paraíba. A unidade escolar atende a um número significativo de estudantes oriundos da zona rural, os quais, apesar de percorrerem longos trajetos diários, frequentemente desconhecem a localização de suas próprias comunidades em relação ao território municipal, evidenciando uma desconexão entre o saber escolar e o saber da vivência.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, analisar o uso da Cartografia Social como ferramenta pedagógica para a construção de um ensino de Geografia mais significativo. Especificamente, buscou-se: (1) desenvolver aulas mais dinâmicas, integrando os conteúdos cartográficos ao cotidiano dos alunos; (2) promover um aprendizado significativo através da valorização da realidade local; e (3) construir, de forma colaborativa com os discentes, um cartograma do município de Cuité-PB, que pudesse servir como recurso didático e como instrumento de reconhecimento do território.

Ao integrar práticas participativas e tecnologias acessíveis, esta proposta busca ressignificar o ensino da cartografia, transformando-a em uma ferramenta de leitura crítica e intervenção no mundo, promovendo uma geografia viva, contextualizada e socialmente relevante.

Fundamentação teórica

A proposta de utilizar a Cartografia Social como metodologia pedagógica ancora-se em três pilares teóricos interligados: a concepção humanista do espaço geográfico, que o entende como lugar vivido e dotado de afeto; a definição da Cartografia Social como instrumento de poder e empoderamento comunitário; e as potencialidades didáticas do mapeamento participativo no contexto da Geografia escolar.

Para superar a visão da Cartografia como uma técnica neutra de representação de um espaço abstrato, é fundamental recorrer ao pensamento da geografia humanista, especialmente às contribuições de Yi-Fu Tuan. O autor distingue "espaço" de "lugar", sendo o primeiro mais abstrato, associado à liberdade e ao desconhecido, enquanto o segundo é concreto, dotado de valor e centro de significados. Para Tuan (1983), "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em-lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor".

Essa transformação ocorre por meio da experiência. A casa, o bairro, a comunidade rural, o caminho percorrido diariamente para a escola não são meros pontos em um sistema de coordenadas; são lugares carregados de vivências, memórias e afetos. Tuan (1980) cunhou o termo topofilia para designar precisamente esse "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente

físico". É um sentimento que nasce da familiaridade, do contato físico, da saúde e das lembranças associadas a um determinado ambiente.

Ao trazer a realidade dos alunos para o centro do processo de mapeamento, a Cartografia Social trabalha diretamente com a dimensão do "lugar". Os estudantes deixam de ser apenas decodificadores de um espaço alheio para se tornarem autores da representação do seu próprio espaço vivido. O ato de mapear suas casas, os açudes, barreiros, as escolas e os caminhos de suas comunidades rurais é um exercício de reconhecimento e valorização de seus lugares, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a própria identidade territorial. A topofilia, antes um sentimento subjetivo e particular, torna-se matéria-prima para a construção coletiva do conhecimento geográfico.

Diferentemente da cartografia convencional, historicamente associada aos interesses do Estado e ao controle de territórios, a Cartografia Social emerge como um instrumento de produção de conhecimento e mobilização. Suas raízes estão nos movimentos sociais e no trabalho com comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, que buscam afirmar suas territorialidades e lutar por seus direitos.

Achselrad e Coli (2008) destacam que o mapa não é um enunciado neutro, mas um ato performático que produz efeitos sobre o real. Nesse sentido, a Cartografia Social se constitui como uma "disputa cartográfica que se articula às próprias disputas territoriais". Ela dá visibilidade a grupos e saberes frequentemente ausentes nas representações oficiais, tornando-se uma ferramenta de poder para aqueles que historicamente foram apenas objetos do mapeamento, e não seus sujeitos.

O processo da Cartografia Social, conforme descrito por diversos autores (Achselrad et al., 2013; Gomes, 2017), envolve etapas participativas como rodas de conversa, elaboração de croquis, registros fotográficos e a sistematização coletiva das informações em um mapa situacional, muitas vezes acompanhado de um fascículo com textos e imagens. Nobre et al. (2022) exemplificam essa prática na elaboração de currículos diferenciados com estudantes indígenas Guarani Mbya, articulando conhecimentos tradicionais, produção textual na língua materna e o uso de tecnologias digitais para a construção de um material didático rico e interdisciplinar. Essa abordagem

transforma o ato de mapear em um exercício de organização política e afirmação identitária.

A utilização da Cartografia Social no ambiente escolar abre um vasto campo de possibilidades pedagógicas. Autores como Gomes (2017) e Finatto e Farias (2021) defendem seu uso como um recurso metodológico que permite, simultaneamente, o aprendizado da linguagem cartográfica e a problematização da realidade concreta do cotidiano escolar.

Ao produzir seus próprios mapas, os alunos se tornam "mapeadores conscientes" (Simielli, 1999, p. 105), desmistificando a ideia do mapa como uma representação neutra e inquestionável. O processo envolve habilidades essenciais ao raciocínio geográfico, como coleta, sistematização e simbolização de dados, além da coordenação de diferentes pontos de vista. A Cartografia social parte do cotidiano dos alunos, valorizando seus saberes prévios como ponto de partida para a construção de um conhecimento mais elaborado e crítico.

Gomes (2017) ressalta que essa metodologia requer do professor uma postura de mediador, com uma intencionalidade pedagógica clara, mas também com abertura ao inesperado, pois o processo dialógico pode trazer à tona questões não previstas no planejamento inicial. O resultado desse processo, seja um cartograma, um mapa situacional ou um fascículo, torna-se um material didático significativo e contextualizado, construído pelos próprios sujeitos da aprendizagem, fortalecendo a Cartografia Escolar por meio de um processo autoral e com profundo significado social.

Percurso metodológico

A presente pesquisa foi estruturada com base em uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e método indutivo. O ambiente natural do problema – a sala de aula – foi a fonte direta para a coleta de dados, e o pesquisador atuou como instrumento-chave nesse processo, em consonância com as definições de Gil (1999). O estudo se desenvolveu em três etapas centrais.

A primeira fase consistiu em uma revisão de literatura para construir o referencial teórico que embasaria a pesquisa. Foram consultados autores

clássicos e contemporâneos que discutem o ensino de Geografia, a Cartografia Escolar e as metodologias ativas, com destaque para Cavalcanti (2012), Simielli (2022) e Morais (2016), cujas obras subsidiaram a análise crítica das práticas de ensino e a formulação da proposta de intervenção.

A segunda e principal etapa foi a realização de uma pesquisa-ação, que se caracteriza pelo envolvimento cooperativo entre pesquisador e participantes na resolução de um problema coletivo (Gil, 1999). Esta fase envolveu uma imersão nas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Julieta de Lima e Costa.

Inicialmente, foram aplicadas metodologias tradicionais de ensino da Cartografia, como o uso do livro didático, a explanação de conteúdos e a cópia de mapas de lugares distantes, com o objetivo de observar e registrar as reações de desinteresse e desmotivação dos alunos.

Em um segundo momento, a abordagem foi radicalmente alterada. Práticas metodológicas ativas foram introduzidas, nas quais o professor assumiu o papel de mediador, e os alunos, de protagonistas. As atividades incluíram:

- Registro fotográfico: Os alunos foram incentivados a fotografar suas localidades rurais e os trajetos diários até a escola.
- Pesquisa local: Por meio de conversas informais com familiares e vizinhos, os estudantes levantaram informações sobre suas comunidades (limites, produção, serviços públicos, etc.).
- Construção de cartogramas e croquis: Utilizando um mapa do município de Cuité como base, contendo apenas a delimitação da zona urbana, os alunos, em grupos, usaram sua criatividade e as informações coletadas para desenhar seus próprios mapas, representando simbolicamente as formas, limites e dimensões de suas localidades rurais.

A culminância desta etapa foi a elaboração coletiva e a impressão de um grande cartograma do município, que sintetizava as contribuições e representações de todos os alunos envolvidos.

A terceira etapa consistiu na utilização do cartograma construído como principal recurso didático para o ensino de conceitos cartográficos. O material, por ser fruto do trabalho dos próprios alunos e representar sua realidade vivida, serviu de base para aulas lúdicas e contextualizadas sobre convenções

cartográficas, legenda, título, orientação, entre outros temas.

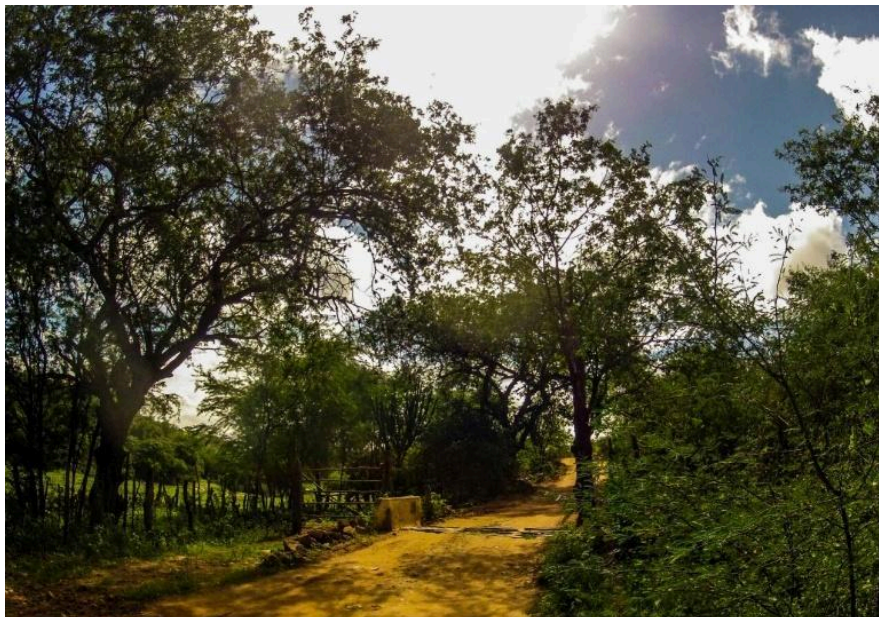
Resultados e discussão

A implementação da proposta pedagógica na Escola Julieta de Lima e Costa gerou resultados significativos, que podem ser analisados a partir da transição de uma prática de ensino tradicional para uma abordagem participativa e centrada no aluno.

O Ponto de Partida, a fase inicial da pesquisa-ação, confirmou o diagnóstico que motivou o estudo. Ao se utilizar uma metodologia baseada na exposição oral, leitura do livro didático e cópia de mapas de regiões desconhecidas, a reação dos alunos foi de apatia, desinteresse e, em alguns momentos, indisciplina. Essa prática, como adverte Cavalcanti (2012), reforça a visão da Geografia como uma disciplina enfadonha e decorativa, pois não estabelece conexões com o universo de significados dos estudantes. O mapa, nesse contexto, é apenas uma imagem a ser reproduzida, e não uma linguagem a ser lida e interpretada.

A virada metodológica ocorreu quando os alunos foram convidados a serem os produtores do conhecimento. A primeira atividade proposta, a de fotografar suas próprias localidades, já demonstrou um potencial transformador. Ao trazerem suas fotos para a sala de aula e apresentá-las aos colegas, os alunos não estavam apenas mostrando paisagens, mas compartilhando suas identidades, suas vivências e seus lugares. A Foto 1 ilustra um desses registros, o caminho de casa para a escola no Sítio Cabaças, um espaço que, para o aluno, é carregado de experiências diárias.

Figura 1
Trajeto casa/escola (Sítio Cabaças)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

A etapa seguinte, de pesquisa sobre suas comunidades e apresentação em seminários, reforçou esse protagonismo. Como o tema era a sua própria realidade, os alunos demonstraram uma segurança e um domínio notáveis, superando a apreensão comum em apresentações orais. Eles não estavam reproduzindo um saber alheio, mas socializando um saber próprio, construído a partir de suas vivências e da interação com sua comunidade. A Foto 2 registra um desses momentos de socialização.

Figura 2

Apresentação de seminário em sala de aula



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

O ápice da construção coletiva foi a elaboração dos croquis e do cartograma. Essa atividade, como afirma Simielli (2022), permite que o aluno se envolva de maneira mais efetiva no trabalho, aumentando sua concentração e interesse.

Os discentes residentes na zona rural utilizaram a criatividade e a imaginação, além de informações colhidas em casa, para representarem simbolicamente os limites e dimensões de cada lugar, já que não dispomos de ferramentas para definir os limites reais de cada localidade rural. Os alunos residentes na zona urbana também participaram da mesma atividade, buscando representar as ruas e bairros onde residem. As Fotos 3 e 4 mostram os estudantes engajados no processo criativo, traduzindo suas percepções do espaço em representações gráficas.

Figura 3

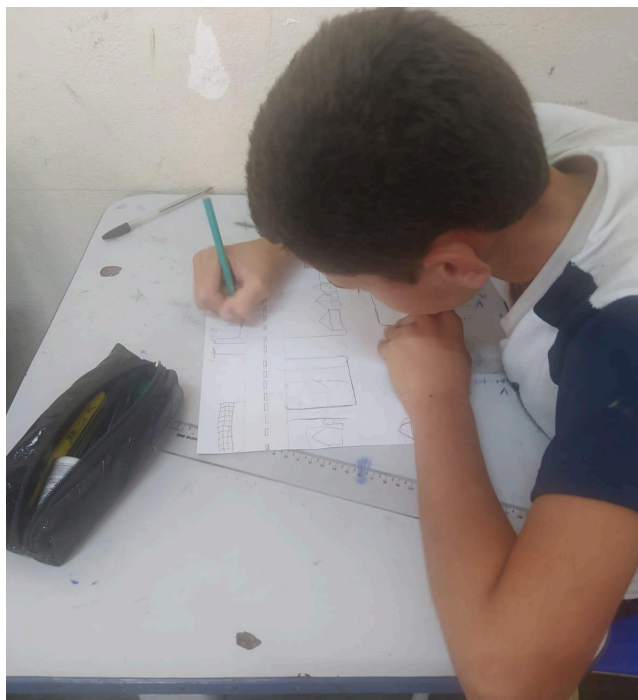
Criação de um croqui da localidade onde mora



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Figura 4

Criação de um croqui da localidade onde mora



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Uma vez construído e impresso em grande formato, o cartograma deixou de ser um simples produto final para se tornar um poderoso recurso didático. Conceitos abstratos como "legenda" e "orientação" ganharam vida quando aplicados a um mapa que os alunos reconheciam como seu. A atividade de localizar a própria comunidade, a casa de um colega ou a escola rural (como visto na Foto 5) transformou a aula em um momento lúdico e de descoberta.

Figura 5
Alunos interagindo com o cartograma criado



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

A experiência demonstrou que as aulas de Cartografia podem ter uma recepção muito mais positiva quando se utilizam metodologias ativas e contextualizadas. O interesse e o engajamento dos alunos aumentaram notavelmente em comparação com as práticas tradicionais, refletindo diretamente em seu comportamento e atenção. Como ressaltam Brito, Silva e Melo (2016), quando a Geografia se faz presente nas atividades cotidianas, ela se torna um conhecimento significativo e atrativo, municiando os estudantes para a discussão e a ação em sua cidade.

Com o cartograma construído, sua utilização como ferramenta pedagógica foi além das aulas de cartografia, pois além desse conteúdo, foi possível utilizá-lo em aulas onde identificamos as formas do relevo local, a vegetação local, e até onde se produz determinados produtos agrícolas.

Em uma atividade de roda de conversas os alunos discutiram sobre quais eram os lugares mais altos e mais baixos, assim como também onde ainda existia vegetação nativa, onde estava desmatado, e os lugares onde existe produção de alimentos. Isso faz com que os conteúdos sejam trabalhados de forma integrada, sistêmica, colaborando para um aprendizado mais crítico e menos decorativo.

O sucesso da proposta extrapolou os muros da escola. O engajamento dos alunos e a qualidade do material produzido resultaram na participação em feiras de ciências regionais, trazendo reconhecimento para a escola e ampliando os horizontes dos estudantes, que tiveram a oportunidade de socializar seu trabalho e conhecer outras realidades. Na foto 6, podemos ver o aluno apresentando o projeto escolar em uma feira de ciências em uma cidade do Rio Grande do Norte.

Figura 6

Aluno apresentando o trabalho na MCICULT



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Considerações finais

A presente pesquisa partiu da inquietação sobre como tornar o ensino da Cartografia, e por extensão, da Geografia, mais relevante e estimulante para os estudantes do Ensino Fundamental. A experiência desenvolvida na Escola Municipal Julieta de Lima e Costa demonstrou que a Cartografia Social não é apenas uma metodologia viável, mas uma poderosa ferramenta de transformação pedagógica.

Concluiu-se que a proposta de construção colaborativa de um cartograma municipal proporcionou um ensino mais contextualizado e significativo. Ao valorizar as vivências dos alunos e colocá-los como protagonistas na construção do conhecimento, a metodologia conseguiu reverter o quadro inicial de desinteresse em engajamento ativo e curiosidade investigativa. A mudança de postura dos alunos foi notória, confirmando a premissa de que a aprendizagem se potencializa quando o conteúdo se conecta com o espaço vivido do aprendiz.

A atividade facilitou a compreensão de conceitos cartográficos abstratos, pois estes foram aplicados a uma realidade familiar e concreta. Mais do que isso, o processo incentivou o desenvolvimento do pensamento crítico, à medida que os alunos pesquisaram, discutiram e representaram seu território, identificando potencialidades e problemas. Fortaleceu-se, assim, o senso de pertencimento e a valorização do lugar, elementos essenciais para a formação de uma cidadania ativa e consciente.

A experiência reforça a importância de metodologias ativas, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a necessidade de um aprendizado que mobilize os estudantes e os prepare para atuar em sua realidade. O trabalho com a Cartografia Social mostrou-se uma prática alinhada a esses princípios, promovendo uma Geografia que vai além da descrição de lugares, tornando-se um instrumento para a compreensão e a intervenção no mundo.

Apesar dos resultados positivos, reconhece-se como limitação o tempo disponível dentro da estrutura curricular, que por vezes impõe um ritmo acelerado para o cumprimento dos conteúdos programáticos, dificultando um aprofundamento maior em projetos de longo prazo. Contudo, a experiência demonstrou que mesmo intervenções pontuais, quando bem planejadas e fundamentadas, podem gerar impactos duradouros.

Este estudo, portanto, não apresenta uma solução definitiva para os complexos desafios do ensino de Geografia, mas oferece um caminho concreto e replicável. A Cartografia Social, ao dar voz e vez aos estudantes, reafirma o potencial da escola como um espaço de diálogo, descoberta e construção de uma sociedade mais justa e consciente de seu espaço.

Referências

ACSELRAD, Henri. (Org.). (2010). **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. IPPUR/UFRJ.

ACSELRAD, Henri., COLI, Luis Régis., MELLO, Cecília Campello do Amaral, BEZERRA, Gustavo das Neves. (Orgs.). (2013). **Guia Para Experiência de Mapeamento Comunitário**. Versão brasileira: ETTERN/IPUR/UFRJ.

BRITO, Dayane Galdino; MELO, Josandra Araújo Barreto de. (2018, julho). **O lúdico e o ensino de Geografia**: possibilidades para abordagem da dinâmica da Terra nas aulas de Geografia. Anais do XIX Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa, PB, Brasil.

BRITO, Dayane Galdino; SILVA, Giusepp Cassimiro da; MELO, Josandra Araújo Barreto de. (2016). **Território, paisagem e lugar: uma abordagem da geomorfologia urbana a partir da Cartografia no ensino de Geografia**. In Anais III CONEDU. Realize Editora.

CAVALCANTI, Lana de Souza. (2012). **O ensino de Geografia na escola**. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico). Papirus.

FINATTO, Roberto Antônio; FARIAS, Maria Isabel. (2021). **A cartografia social como recurso metodológico para o ensino de Geografia**: considerações a partir do programa Escola da Terra - Paraná. Geografia Ensino & Pesquisa, 25, e03. <https://doi.org/10.5902/2236499443605>

GIL, Antônio Carlos. (1999). **Métodos e técnicas em pesquisa social** (5ª ed.). Atlas.

GOMES, Marquiana de F. Vilas Boas. (2017). **Cartografia Social e Geografia Escolar**: aproximações e possibilidades. Revista Brasileira de Educação em Geografia, 7(13), 97-110.

LACOSTE, Yves. (1988). **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Papirus.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. (2016). **As temáticas físico-naturais como conteúdo de ensino da Geografia escolar**. In Lana de Souza Cavalcanti (Org.), Temas em Geografia na escola básica [eBook Kindle]. Papirus.

NOBRE, Domingos Barros., OLIVEIRA, Carolina Miranda de, & NEVES, Pedro Henrique dos Santos. (2022). **Conhecimentos tradicionais, cartografia social e currículo**. Habitus, 20(1), 119-141. <https://doi.org/10.18224/hab.v20i1.12384>

SIMIELLI, Maria Elena. (2010). **O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica**. In Rosângela Doin de Almeida (Org.), Cartografia escolar (2ª ed., pp. 71-93). Contexto.

SIMIELLI, Maria Elena. (2022). **Cartografia no ensino fundamental e médio**. In A. F. A. Carlos (Org.), A geografia na sala de aula (9ª ed.). Contexto.

SOUZA, Fábio Marques de., & SANTOS, Geyza de Freitas. (2019). **Velhas práticas em novos suportes?** As tecnologias digitais como mediadoras do complexo processo de ensino e aprendizagem de línguas (2ª ed.). Mentis Abertas.

TUAN, Yi-Fu. (1980). **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (L. de Oliveira, Trad.). DIFEL.

TUAN, Yi-Fu. (1983). **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (L. de Oliveira, Trad.). DIFEL.